

VULNERABILIDADES E POTENCIALIDADES DO SISTEMA AGROINDUSTRIAL DO LEITE NO MUNICÍPIO DE MARTINÓPOLIS - SP

Joelma Cristina dos Santos⁶
Antonio Nivaldo Hespagnol⁷

Resumo: Este artigo busca traçar alguns apontamentos acerca do sistema agroindustrial do leite no município de Martinópolis - SP. Para tanto, faremos algumas considerações gerais a respeito da abertura da economia brasileira ao mercado internacional e seus impactos para o sistema agroindustrial (SAG) do leite no país, além de tratar das transformações mais recentes pelas quais vêm passando o SAG do leite, buscando elencar algumas perspectivas para a cadeia produtiva do leite nos próximos anos.

Palavras-chave: sistema agroindustrial do leite, pequeno produtor, cadeia produtiva do leite, comércio informal.

VULNERABILITIES AND POTENTIALITIES OF THE AGRO INDUSTRIAL MILK SYSTEM IN THE MARTINÓPOLIS - SP

Abstract: This paper aims to draw some notes concerning the agro industrial milk system in the city Martinópolis - SP. For so much, we will make some general considerations regarding the opening of the Brazilian economy to the international market and its impacts for the agro industrial milk system (SAG) in the country, besides dealing with the most recent transformations for which the milk SAG is undergoing, trying to point out some perspectives for the productive chain of the milk in the next years.

Key words: agro industrial milk system, small producer, structural changes, productive chain of the milk, informal trade.

1. Introdução

Este texto é produto de algumas reflexões que vêm sendo realizadas no desenvolvimento da pesquisa intitulada "O sistema

⁶ Aluna do Curso de Graduação em Geografia da FCT/UNESP/Presidente Prudente (SP), bolsista IC-FAPESP – Processo 01/01169-1
E-mail: joelmageo@bol.com.br

⁷ Professor dos Cursos de Graduação e de Pós-Graduação em Geografia da FCT/UNESP/Presidente Prudente. Rua Roberto Simonsen, 305. Caixa Postal: 467. CEP 19060-900. Presidente Prudente (SP). Tel (0XX18) 229-5375. Fax (0XX18) 221-8212. E-mail: nivaldo@prudente.unesp.br

agroindustrial do leite no município de Martinópolis - SP⁸, cujo objetivo principal é a caracterização do SAG do leite no município de Martinópolis no período que se estende de meados da década de 1980 até o final dos anos 1990.

É nesse sentido que inicialmente buscaremos esclarecer como se deu a re(inserção) do SAG⁹ do leite no Brasil no início dos anos 1990 e suas implicações/transformações. A partir daí, enfocaremos o SAG do leite no município de Martinópolis, com a apresentação de alguns dados de fonte secundária que evidenciam as mudanças ocorridas nas duas últimas décadas, além de efetivarmos uma análise empírica, a qual possibilita uma melhor caracterização da cadeia produtiva do leite no município em apreço. Por fim, procuraremos apontar algumas propostas que, se efetivadas, promoverão um maior dinamismo do sistema agroindustrial do leite no município de Martinópolis.

2. A abertura da economia brasileira ao mercado internacional e suas implicações no sistema agroindustrial do leite

Para que possamos compreender o processo de reestruturação pelo qual vem passando a cadeia produtiva do leite é necessário que nos remetamos a algumas transformações que tiveram sua origem no final dos anos 1980, cujos reflexos se estenderam ao longo da década seguinte.

O sistema agroindustrial do leite no Estado de São Paulo e em todo o país passou por significativas reformulações desde o final da década de 1980, em decorrência da abertura do mercado nacional à concorrência internacional, da desregulamentação do setor pelo governo federal e da importação sistemática do leite e de seus derivados dos parceiros do MERCOSUL.

Nesse período os setores de produção e processamento de leite receberam um grande volume de capital estrangeiro, uma vez que o Brasil está entre as nações de maior produção de leite do mundo. Entretanto o consumo *per capita* ainda é baixo. Após o Plano Real o consumo interno aumentou de 90 para 140 litros *per capita* ano, o que se constitui num aumento considerável, mas ainda está abaixo do que é recomendado pela Organização Mundial da Saúde, que é de cerca de 220 litros *per capita* ano.

É importante destacar que a política de abertura comercial, associada à estabilidade de preços que se seguiu ao Plano Real, aumentou o poder aquisitivo da população mais carente, que pouco consumia leite.

Porém, as mudanças estruturais do agronegócio do leite, que de certa forma beneficiaram o consumidor estão inseridas num contexto

⁸Projeto de pesquisa em andamento, com financiamento da FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), sob a orientação do Prof. Dr. Antonio Nivaldo Hespanhol.

⁹ O sistema agroindustrial do leite doravante será denominado de SAG.

mais amplo, em que o intenso ritmo de mudança tecnológica vem provocando uma revolução organizacional. Nesse sentido, Bortoloto & Chabaribery (1998) asseguram que os impactos provocados pela conjunção desses fatores na cadeia de produção e processamento do leite, podem ser assim resumidos:

as empresas, do segmento produtor ao de distribuição, vêm passando por intenso processo de reestruturação, em direção à concentração, seleção e especialização ; e - a sobrevivência das empresas depende cada vez mais de sua capacidade competitiva e, conseqüentemente, do sucesso das mudanças (Bortoloto; Chabaribery, 1998, p. 113).

Diante dessa conjuntura, podemos inferir algumas implicações, tais como: incorporação das empresas que não demonstrarem adequada capacidade em se reestruturar por aquelas que dispuserem de tecnologia e outros meios que lhes viabilizem a reprodução ampliada do capital e, do ponto de vista do segmento produtivo, o que vem se verificando é que os pequenos produtores têm encontrado dificuldades cada vez maiores em se manterem inseridos na cadeia produtiva do leite, tendo dessa forma sua reprodução social comprometida.

Estes são, alguns dos fatores de ordem geral que permearam o BAG do leite no contexto da abertura do mercado nacional, tendo início no final dos anos 1980 e se consolidando nos anos 1990, cujas conseqüências já se fazem sentir no início desse novo milênio.

É ainda se tratando do processo de reorganização da economia, que no próximo item trataremos do MERCOSUL, um bloco econômico formado na década de 1990, em que as empresas agroindustriais têm investido maciçamente no mercado brasileiro.

3. O MERCOSUL no Contexto do Sistema Agroindustrial do Leite

É importante tecer algumas considerações a respeito das relações estabelecidas entre o Brasil e os demais países do Mercosul, no que se refere ao SAG do leite. Relações estas que desde já adiantamos serem desvantajosas ao Brasil, na medida em que os produtores de leite e as empresas de laticínios brasileiras são expostos à concorrência internacional, sem incentivos e políticas que visem sua modernização e uma melhor inserção no mercado.

Dentro do MERCOSUL a Argentina e o Uruguai são portadores de vantagens significativas em termos de produtividade na produção primária de leite. Todavia, quando se observa a estrutura do comércio de alguns derivados lácteos, é a indústria brasileira que se encontra na vanguarda, tanto pelas vantagens tecnológicas, quanto pelas vantagens

comparativas. Podemos exemplificar citando o caso da produção de tipos de queijo que usam maior quantidade de leite, em que as vantagens são da Argentina e do Uruguai. Contudo "Quando a produção envolve maior grau de tecnologia (queijo de massa mole), o Brasil tem vantagens tecnológicas frente aos outros dois países." (Fonseca; Morais, 1999, p.26).

Fonseca e Morais ressaltam ainda que:

Dentro do Mercosul, mais de 80% do comércio acontece entre o Brasil, grande comprador, e a Argentina, grande vendedor. Ao lado da redução de tarifas, o Mercosul tem funcionado como fator de estímulo ao aumento da produtividade para os produtores brasileiros. Não se pode negar, porém, que o grande fator de dinamismo no crescimento das transações comerciais entre os países do Mercosul foi a expansão do mercado interno brasileiro. Para a Argentina, em especial, este mercado transformou-se em alvo das suas exportações de lácteos, especialmente de leite em pó. (Fonseca; Morais, 1999, p.23)

Um dos aspectos que limitam a competitividade brasileira refere-se à inexistência de um padrão de qualidade claramente definido para os produtos do SAG do leite, que conforme afirmam Jank e Galan:

*Na prática, a matéria-prima leite não tem uma definição precisa, não podendo sequer ser chamada de **commodity**, já que não tem padronização definida. Vale salientar que mesmo no âmbito do Mercosul ainda não há qualquer tentativa de harmonização dos padrões de qualidade e sanidade do leite e seus derivados, sendo que no comércio vale a legislação do País destino. (Jank; Galan, 1998, p.250-251) (grifo do autor)*

Buscando encontrar propostas que viabilizassem o nível de coordenação e competitividade sustentável do SAG do leite, em 1997 foi realizado um workshop, denominado *Workshop do SAG do Leite*, que reuniu representantes de todos os segmentos dos sistema agroindustrial do leite, além de técnicos, pesquisadores e professores universitários que apontaram como uma das medidas necessárias à resolução destes problemas a aplicação de uma política efetiva de defesa comercial, uma vez que a definição das tarifas aduaneiras no Mercosul e o problema da entrada

de produtores subsidiados ou com condições privilegiadas de crédito são fatores que causam importantes desequilíbrios no mercado interno.

Embora as condições oferecidas pelo Mercosul favoreçam a importação de lácteos, esse bloco não é capaz de oferecer - e nem consta que faça parte de seus objetivos - incentivos e condições que possibilitem aos produtores de leite brasileiros se modernizarem e competirem em nível de igualdade com os demais países que compõem o bloco.

Faz-se importante destacar que com a desvalorização do Real em 1999 ocorreu uma diminuição das relações comerciais estabelecidas entre o Brasil e os demais países integrantes do Mercosul, o que veio a atingir diretamente o mercado de leite e derivados, uma vez que a partir da desvalorização da moeda brasileira diminuíram as importações de produtos lácteos.

As políticas públicas prejudicaram o setor leiteiro nacional - tanto no que se refere aos produtores de leite como à indústria láctea nacional - gerando dessa forma, grandes desvantagens para a produção de leite no Brasil, uma vez que desvaloriza-se o produto nacional e incentiva-se o produto importado.

4. Mudanças Recentes e Perspectivas para a Cadeia Produtiva do Leite

A estabilização monetária propiciou mudança nos preços relativos afetando toda a cadeia produtiva do leite e de produtos derivados. Ocorreu uma mudança significativa dos preços pagos pelo consumidor e queda dos preços recebidos pelos produtores rurais.

As alterações dos preços pagos pelo consumidor são decorrentes da elevada elasticidade-renda dos derivados lácteos, haja visto que após a estabilização econômica aumentou o consumo de produtos como queijo,iogurte, petit-suisse, bebidas lácteas e outros, pelas classes de menor poder aquisitivo, conforme enfatizam Jank & Galan (1998).

É importante ressaltar que ocorreu uma mudança expressiva no perfil industrial com notável sucesso do leite esterilizado - leite longa vida ou leite UHT - que oferecidos a preços muito próximos aos leites B e C passou a representar mais de 50% da oferta de leite fluido em poucos anos, conforme destaca Fonseca & Morais (1999).

O que o consumidor brasileiro que a partir dos anos 1990 passa a ter acesso a uma série de novos produtos não sabe é que o preço dos produtos que ele consome não é determinado pelas empresas brasileiras, mesmo diante do seu empenho em diferenciar o produto, uma vez que o responsável pela determinação dos preços são as empresas multinacionais.

A esse respeito Negri (1998) salienta que:

O preço é absorvido pelas empresas multinacionais, que estabelecem o preço de competição da indústria, e o preço da marca é fator determinante para criar barreiras à mobilidade interna dos competidores e garantir a estabilidade da estrutura diferencial de preços. (Negri, 1998, p. 151)

Quando falamos das mudanças estruturais pelas quais passou a cadeia produtiva do leite ao longo da década de 90 não podemos deixar de mencionar os 46 anos de tabelamento do preço do leite pelo governo federal, que afetou desde o produtor até o consumidor final.

Nesse contexto, Nogueira Netto (1996) atenta para o fato de que os resultados obtidos pela intervenção governamental no setor, de 1945 a 1991 não beneficiaram nem ao consumidor, nem ao produtor. Nogueira Netto (1996, p.7) ressalta que "O tabelamento do preço não atendeu ao consumidor no que diz respeito a qualidade, preço e disponibilidade do produto no mercado. Ao mesmo tempo, freou a modernização da pecuária leiteira."

Contudo, em entrevistas realizadas junto aos produtores de leite do município de Martinópolis, muitos deles se mostraram favoráveis ao tabelamento do leite pelo governo federal, pois segundo eles, no período em que vigorou o tabelamento o produtor tinha garantia de quanto receberia no final do mês, podendo dessa forma investir na compra de mais vacas a serem ordenhadas, insumos e até mesmo investir na modernização da atividade. Nos dias atuais o produtor não tem essa garantia, uma vez que os laticínios têm autonomia para alterarem os preços a serem pagos aos produtores de acordo com os seus interesses.

O aumento da produção de leite durante os anos 1990 decorre, de certo modo, da crise da pecuária de corte, pois a estabilidade econômica reduziu os movimentos especulativos com terras e gado de corte e, dessa forma muitos pecuaristas vislumbraram no leite uma possibilidade de complementar a sua renda mensal. Atualmente temos cerca de 1,4 milhão de produtores de leite no país, ressaltando que de acordo com a metodologia utilizada pelo IBGE é considerado produtor todo aquele que coleta pelo menos um litro de leite por dia.

Embora tenham ocorrido diversas mudanças no sistema agroindustrial do leite na última década, ainda hoje a produção primária no Brasil é dominada por produtores não especializados que, além de produzirem um pequeno volume de leite a baixo custo e qualidade, ainda se dedicam a outras atividades, tais como a venda de animais mestiços e de corte, conforme ressalta Jank & Galan (1998).

Pode-se afirmar que um sério problema que atinge o sistema agroindustrial do leite é o comércio de leite fluido no mercado informal ou

clandestino, no qual o leite é produzido e comercializado sem nenhuma inspeção quanto aos padrões e normas de qualidade.

Este produto geralmente é adquirido por pessoas de baixa renda, desprovidas de informações referentes aos problemas que um produto comercializado clandestinamente pode causar. O preço do leite comercializado no mercado informal é inferior ao do leite longa-vida e ao do leite C, o que explica a opção de muitas pessoas pelo mesmo.

Algumas tendências para o sistema agroindustrial do leite nos próximos anos já começam a ser delineadas. Segundo Jank & Galan (1998) o Brasil continuará sendo um importador de produtos lácteos, oriundos principalmente do Mercosul; a ampliação da coleta a granel de leite refrigerado e as mudanças nas normas e padrões de qualidade deverão ocasionar o desaparecimento de milhares de produtores de leite; uma outra tendência decorre do aumento da concentração e internacionalização do setor industrial, o que acarretará no desaparecimento de muitos laticínios.

Os problemas estruturais do setor só serão solucionados, permitindo a modernização da atividade produtiva, quando se reduzir ou neutralizar sua vulnerabilidade diante do mercado internacional, conforme enfatiza Nogueira Netto (1996).

Diante de todas as mudanças verificadas no sistema agroindustrial do leite na última década conclui-se que cada vez se torna mais difícil para o pequeno produtor permanecer nessa atividade, pois aumentam as exigências por parte dos laticínios, o preço pago por litro de leite é muito baixo e sua relação com a indústria é cada vez mais desvantajosa.

Nesse contexto uma alternativa que viabilize a permanência do pequeno produtor na atividade é que o leite seja pasteurizado na propriedade. No entanto, isto requer que o produtor possua capital para realizar esses investimentos, o que não ocorre com a maioria dos pequenos produtores brasileiros.

As cooperativas - cerca de 350 no país - que cada vez mais vêm assumindo o caráter de empresas capitalistas, muitas vezes deixam a desejar nas suas relações com os pequenos produtores, estabelecendo com estes relações desvantajosas.

Uma solução que pode ser apontada ao pequeno produtor que não deseja se submeter as condições desvantajosas aos interesses impostos pela indústria é a associação com outros pequenos produtores, que como ele, ainda acreditam que as mudanças ocorridas no sistema agroindustrial do leite não foram suficientes para excluí-los, e que os mesmos podem adquirir tanque de resfriamento em conjunto, e até mesmo viabilizarem a pasteurização do leite na propriedade e, desse modo, estabelecerem uma relação direta com os supermercados e demais estabelecimentos que comercializam leite, ou ainda com os próprios consumidores finais.

5. Caracterização do Sistema Agroindustrial do Leite no Município de Martinópolis - SP

O sistema agroindustrial do leite no município de Martinópolis, embora não seja tão dinâmico como em outras regiões do Estado e até mesmo do País, tem refletido as mudanças estruturais que ocorreram nessa cadeia produtiva ao longo da década anterior.

O fato do município de Martinópolis estar inserido na Microrregião Geográfica de Presidente Prudente, uma região em que se verifica o processo de concentração fundiária e em que a agropecuária exerce um papel importante - sendo a pecuária de corte a atividade mais relevante - explicam a predominância da produção extensiva e não especializada de leite vigentes nessa região e no município em apreço, sendo que a produtividade média diária é de dois litros por vaca.

A produção de leite se constitui numa atividade de grande relevância para a economia do município de Martinópolis, devido ao fato de proporcionar maior liquidez que os demais produtos provenientes da agropecuária. Contudo, não podemos nos esquecer que esta atividade, via de regra, é complementar tanto à exploração de lavouras como à pecuária de corte.

A partir da análise dos dados dos Censos Agropecuários da FIBGE e da Pesquisa Pecuária Municipal constatou-se que no período compreendido entre 1985 e 1996 ocorreu um aumento de 23,0% no efetivo bovino do município de Martinópolis, conforme pode ser observado na Tabela 1.

Tabela 1.

Tabela 1 - Efetivo Bovino no Município de Martinópolis - SP (1985-1996)

Ano	n.º de cabeças
1985	113.361
1990	117.684
1993	124.358
1996	139.477

Fonte: FIBGE: Censo Agropecuário de 1985 e 1995/96.
Pesquisa Pecuária Municipal de 1990 a 1993.

O efetivo bovino aumentou progressivamente no município, sendo que em 1985 contava com 113.361 cabeças, em 1990 verificou-se que o efetivo bovino aumentou para 117.684 cabeças, atingindo em 1996, 139.477 cabeças. Esse aumento do efetivo bovino ocorreu concomitantemente ao aumento expressivo da área ocupada pelas pastagens plantadas, sendo que em 1970 havia 69.720 ha ocupados pelas pastagens e em 1996 esse número saltou para 82.545 ha. Em contrapartida, ocorreu uma redução das lavouras, principalmente as

temporárias que, em 1970 ocupavam 16.408 ha, declinando para 12.048 ha em 1996, o que é um forte indício de que a partir dos anos 1980 o município passa a se dedicar mais à pecuária que às lavouras.

No período que se estende de 1985 a 1996 também verificou-se um aumento expressivo do número de vacas ordenhadas, assim como da produção de leite no município (Tabela 2).

Tabela 2 - Produção de Leite e Número de Vacas Ordenhadas no Município de Martinópolis - SP - (1985-1996)

Ano	N.º de vacas ordenhadas	PRODUÇÃO DE LEITE (mil litros)
1985	6.230	6.431
1990	11.000	7.634
1993	11.800	5.180
1996	18.300	12.261

Fonte: FIBGE: Censo Agropecuário de 1985 e 1995/96.
Pesquisa Pecuária Municipal de 1990 a 1993.

No ano de 1985 foram ordenhadas 6.230 vacas e, em 1996 esse número saltou para 18.300, ou seja um aumento de 193,7%. Quanto à produção de leite, em 1985 foram produzidos 6,4 milhões de litros de leite no município de Martinópolis, caindo para pouco mais de 5 milhões em 1993 e, em 1996 a produção de leite no município mais que dobrou, atingindo 12,2 milhões de litros, ou seja um aumento de 136,7% num período de 3

anos.

O aumento tanto do número de vacas ordenhadas, como da produção de leite se deu de forma mais pronunciada entre 1993 e 1996, decorrente de certa forma, da estabilidade provocada pelo plano real e da dificuldade de negociação em torno do gado de corte. Esse acréscimo da produção leiteira no município de Martinópolis na última década demonstra ser a pecuária leiteira uma atividade em ascensão, podendo vir a exercer um peso maior na economia produtiva do município.

Segundo as informações fornecidas pela Casa da Agricultura existem no município 632 criadores de gado, dos quais 200 são produtores de leite. A maioria dos produtores de leite do município entrega a produção a um único laticínio instalado no município, entretanto, existem produtores que fornecem o leite a outros laticínios da região.

De acordo com informações obtidas junto ao Laticínio Nova Esperança do Paraná LTDA - o único instalado no município - 194 produtores entregam a produção nesse estabelecimento, sendo que desses

produtores 169 são classificados como pequenos, 24 como médios e 2 como grandes produtores.¹⁰

Entretanto, existem produtores que fornecem leite a outros laticínios da região, como a COOLVAP (Cooperativa de Laticínios Vale do Paranapanema), por exemplo. Segundo informações obtidas na Casa da Agricultura¹¹ estes produtores são cerca de 10 que, em sua maioria são grandes produtores e se utilizam de ordenhadeira mecânica, um equipamento ainda pouco utilizado pela maioria dos produtores de leite do município.

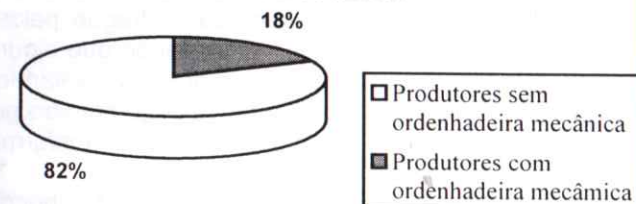
Foram entrevistados 15% dos pequenos produtores, 50% dos médios e 100% dos grandes produtores de leite, conforme os critérios de classificação do laticínio supracitado, perfazendo um total de trinta e nove entrevistados.

Constatou-se que 87,11% dos produtores de leite entrevistados são pequenos. Esse predomínio de pequenos produtores na pecuária leiteira não se dá somente em Martinópolis, mas em todo o país, uma vez que os pequenos produtores representam 60% do total de propriedades consideradas leiteiras, respondendo por 10% da produção nacional, que em 1998 era de 21 bilhões de litros/ano, de acordo com Jorge Rubez - um dos responsáveis pela iniciativa de apresentar ao governo o SOS Leite - em entrevista à revista Agroanalysis.

Quanto ao nível das inovações tecnológicas utilizadas pelos produtores de leite do município de Martinópolis este ainda é baixo.

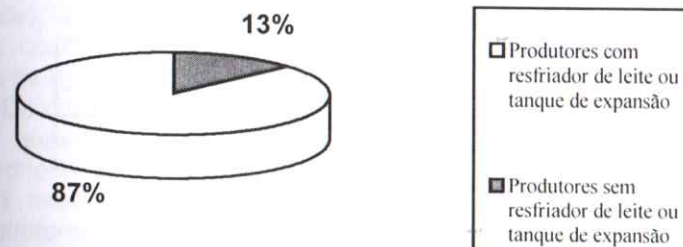
Verificou-se que dos trinta e nove produtores de leite entrevistados, apenas sete possuem ordenhadeira mecânica (17,9%) e os demais não a utilizam (82,0%) conforme pode ser observado na Figura 1. Em relação ao resfriador de leite ou tanque de expansão somente cinco produtores (12,2%) o utilizam, o que pode ser evidenciado na Figura 2.

Figura 1: Produtores de leite com ordenhadeira mecânica



Fonte: Trabalho de Campo - jan/fev/2001

Figura 2: Produtores de leite com resfriador de leite ou tanque de expansão



Fonte: Trabalho de Campo - jan/fev/2001

De acordo com os dados do Projeto LUPA (Levantamento das Unidades de Produção Agropecuária), em 1996 havia vinte e uma ordenhadeiras mecânicas e vinte e quatro resfriadores de leite ou tanques de expansão no município de Martinópolis.

Contudo, de acordo com as informações obtidas em campo, verificou-se que os produtores de leite, principalmente os médios e grandes, além de alguns pequenos que pretendem continuar na atividade e adquirir principalmente o tanque de expansão, por meio de uma associação de produtores de leite que está começando a se formar no município.

¹⁰ O Laticínio Nova Esperança do Paraná LTDA classifica como pequenos produtores àqueles que entregam até 100 litros por dia, como médios os que entregam entre 100 e 400 litros e como grandes os produtores que entregam acima de 400 litros por dia.

¹¹ Na pesquisa de campo foram entrevistados somente os produtores que entregam leite no Laticínio Nova Esperança do Paraná LTDA e, dessa forma, nos utilizamos de informações da Casa da Agricultura do município para nos referirmos aos que entregam leite a outros laticínios da região.

Analisando a comercialização do leite pelos produtores do município, verifica-se que o mercado informal exerce uma importância considerável, principalmente entre os pequenos produtores, que vêm nesse segmento uma opção de complemento à sua renda mensal.

É bastante comum o leite ser entregue pelos produtores em embalagens descartáveis de refrigerantes, sendo que alguns utilizam como meio de transporte as carroças. Esses produtores revelam que é muito mais rentável vender o leite *na rua*, pois o preço pago por litro pelo laticínio varia de R\$ 0,16 a R\$ 0,31, sendo que o comercializado informalmente gira em torno de R\$ 0,50 a R\$ 0,60 o litro.

É possível observar no município de Martinópolis que não são poucos os consumidores que compram o leite informalmente, devido ao preço inferior ao do leite encontrado nos supermercados e padarias.

Dessa forma, foi possível constatar que dentre trinta e nove entrevistados, vinte e cinco comercializam o leite somente com o laticínio do município (64,10%), doze comercializam tanto no laticínio como no mercado informal (30,77%) e dois comercializam somente no mercado informal (5,13%), conforme pode ser evidenciado na Tabela 3.

Tabela 3 - Comercialização de leite pelos produtores rurais entrevistados

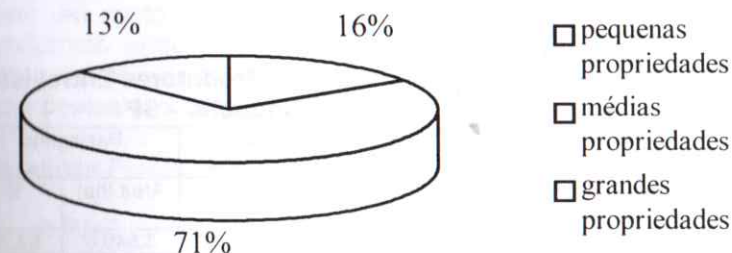
Canais de Comercialização	N.º de produtores	%
Laticínio	25	64
Mercado informal	02	5
Mercado informal e laticínio	12	31

Fonte: Trabalho de Campo – jan/fev/2001

Concluiu-se a partir do trabalho de campo, particularmente das entrevistas, que o principal elemento que leva os produtores de leite a comercializarem o leite no mercado informal é o baixo preço do leite pago pelo laticínio, ou seja R\$ 0,23, o que segundo os produtores entrevistados é um desrespeito para com o produtor.

No que concerne à área total das propriedades dos produtores entrevistados, constatou-se que os trinta e nove produtores de leite entrevistados ocupam uma área de 4.850,4 ha. Desse total de área 726 ha (15,8%) classificam-se em áreas de pequenas propriedades (menos de 100 ha), 3.271,2 ha (71,4%) em áreas de médias propriedades (100-500 ha) e 583,2 ha (12,7%) em área de grandes propriedades (500-1000 ha), conforme pode ser evidenciado na Figura 3.

Figura 3 - Área das Propriedades dos Produtores de Leite Entrevistados



Fonte: Trabalho de Campo – jan/fev/2001

Foi possível averiguar que há uma quantidade considerável de propriedades com uma pequena extensão de terra (média de 30 ha/propriedade), ao passo que quando somamos as médias e grandes propriedades observamos que elas ocupam uma parcela significativa de áreas (média de 257 ha/propriedade).

Dentre os trinta e nove produtores entrevistados, constatou-se que vinte e quatro possuem pequenas propriedades (61,5%), quatorze possuem propriedades médias (35,9%) e um possui grande propriedade.

É interessante atentar para o fato de que para os pequenos e médios produtores a pecuária leiteira assume um caráter de complementaridade à sua renda mensal, pois no município em estudo é comum o caso de agricultores que residem na cidade e que, durante o período das safras das lavouras se dedicam integralmente ao cultivo de determinados produtos, como o algodão por exemplo. Todavia, esses agricultores desenvolvem uma atividade paralela - a produção de leite - que lhes proporciona renda o ano todo.

Um outro caso que merece ser destacado é o de comerciantes ou profissionais liberais, pessoas que formalmente não desenvolvem nenhuma atividade ligada à agropecuária e que, no entanto por possuírem uma propriedade e algumas cabeças de gado também produzem leite. Há ainda algumas exceções, o caso dos produtores de leite

Há ainda algumas exceções, o caso dos produtores de leite que, por não terem acesso à posse da terra, arrendam geralmente uma pequena extensão de terra, o suficiente para alojarem o seu pequeno rebanho. Na maioria dos casos esses produtores vinculam-se ao mercado informal do leite.

No que se refere à utilização das terras nas propriedades rurais dos produtores de leite entrevistados, verificou-se que de uma área total de 3.903,2 ha¹² apenas 15,6 ha (0,40%) são ocupados por lavouras permanentes, 247 ha (6,33%) por lavouras temporárias e 3.640,6 ha (93,27%) são cobertos por pastagens, o que pode ser verificado na Tabela 04.

Tabela 4 - Utilização das Terras Pelos Produtores Entrevistados no Município de Martinópolis - SP

Total		Lavoura Permanente		Lavoura Temporária		Pastagens	
Área (ha)	%	Área (ha)	%	Área (ha)	%	Área (ha)	%
3.903,2	100	15,6	0,40	247	6,33	3.640,6	93,27

Fonte: Trabalho de Campo - jan/fev/2001

Essas informações demonstram nitidamente o processo de estagnação das lavouras - até mesmo daquelas que outrora ajudaram a construir a história da Alta Sorocabana de Presidente Prudente, como o café e o algodão - além de denunciarem as conseqüências de um processo que se iniciou na década de 50, quando da instalação dos primeiros frigoríficos nessa região e a resultante expansão da pecuária, principalmente a de corte, acarretando a necessidade de expansão das pastagens.

Embora a pecuária de corte seja a atividade agropecuária predominante no município de Martinópolis, enfatizamos que este não é o único segmento viável da pecuária, uma vez que temos a pecuária leiteira como uma atividade que possibilita um grau de inserção maior para os pequenos produtores. É nesse contexto que enfocaremos a produção dos derivados lácteos no município.

Partindo da análise dos questionários aplicados, verificou-se que a maioria dos produtores de leite não se dedica à produção de seus derivados (87,0%). Dentre aqueles que se dedicam, o principal derivado produzido é o queijo, seguido pelo requeijão, doce de leite e manteiga.

Portanto, a realidade que está posta no contexto da produção de derivados lácteos no município de Martinópolis, é que esta produção é inexpressiva e em sua maioria se dá para o consumo próprio (60,0%), sendo que 40,0% da produção se dirigem ao comércio, que se estabelece diretamente com o consumidor, não passando por outros segmentos. Por conseguinte, a maioria desses produtores se dedica somente à produção e

¹² A análise não leva em conta área em descanso, área construída, vegetação nativa e reflorestamento por serem inexpressivas nas propriedades dos entrevistados. Portanto, enfocaremos as formas mais expressivas de utilização da terra pelos produtores, ou seja, lavouras e pastagens.

comércio do leite *in natura*, o que se constitui em um obstáculo à dinamização desse sistema agroindustrial

Desse modo, insistimos na necessidade da consolidação de uma associação de produtores de leite e até mesmo de uma pequena cooperativa, que viabilizasse a produção e pasteurização do leite, além da produção de seus derivados. É evidente que a implementação dessas medidas tem um custo, mas a partir da conscientização da necessidade desses produtores adquirir um tanque de expansão, ainda que em conjunto, já estamos dando um passo à frente no combate à exclusão e precarização desses produtores.

6. Considerações Finais

O SAG do leite passou por uma série de mudanças na última década, decorrentes da abertura da economia brasileira ao mercado internacional. Aumentou-se as exigências por parte dos laticínios e dos consumidores. Os primeiros optam por comprar leite dos produtores especializados e os consumidores, por sua vez, exigem cada vez mais um produto de boa qualidade.

Na região de Presidente Prudente e no município de Martinópolis o leite se constitui num produto de grande relevância para a agropecuária - atividade de grande importância na região.

No entanto, há uma tendência à exclusão dos produtores não especializados. Tendência esta que pode ser evitada na medida em que os produtores de leite se associarem e conseguirem obter incentivos por parte do poder público, que os possibilite permanecerem nessa atividade.

7. Bibliografia

- ABRAMOVAY, Ricardo. Agricultura familiar e capitalismo no campo. In: STÉDILE, J.A. et al. **A Questão Agrária Hoje**. Porto Alegre, 1994. p.94-104.
- ABREU, Dióres Santos. **Formação histórica de uma cidade pioneira paulista: Presidente Prudente**. Tese de Doutorado; FFCL - Presidente Prudente, 1972 - 339 p.
- BELIK, Walter. Agroindústria e reestruturação industrial no Brasil: elementos para uma avaliação. In: RAMOS et al. **Agropecuária e Agroindústria no Brasil: ajuste, situação atual e perspectivas**. Campinas: ABRA, 1992. p.107-123.
- BORTOLETO, E.E. & CHABARIBERY, DENYSE. Leite e derivados: entraves e potencialidades na virada do século. **Informações Econômicas**, v.28, n.9, p.25-36, set.1998.

DALTOSO, José Carlos. **Martinópolis, sua história e sua gente.** Martinópolis, SP. Gráfica Martipel Ind. e Com. Ltda, 1999. 200p.

DELGADO, Guilherme da Costa. **Capital Financeiro e Agricultura no Brasil: 1965-1985.** ÍCONE/UNICAMP, 1985. 240p.

FONSECA, M.G.D. & MORAIS, E.M. Indústria de leite e derivados no Brasil: uma década de transformações. **Informações Econômicas**, São Paulo, v.29, n.9, p.7-29, set. 1999.

GALAN, V.B. & JANK, M.S. Competitividade do sistema agroindustrial do leite. In: FARINA, E.M.M.Q. & ZYLBERSTAJN, Décio. **Competitividade no Agribusiness Brasileiro.** (<http://www.Fea.usp.br/Fia/pensa/pensa12.html>), jul. 1998.

GRAZIANO DA SILVA, José. **A Nova Dinâmica da Agricultura Brasileira.** Campinas, SP: UNICAMP/I.E., 1996, 217p.

GRAZIANO DA SILVA, José. In: STÉDILLE, J.A. et al. **O desenvolvimento do capitalismo no campo brasileiro e a reforma agrária.** Porto Alegre. 1994.p.137-143.

HESPAHOL, Antonio Nivaldo. **Dinâmica agroindustrial, intervenção estatal e a questão do desenvolvimento da região de Andradina - SP.** Rio Claro - IGCE-UNESP, Tese de Doutorado em Geografia, 1996.

LEMOS, Mauro Borges. Organização Agroindustrial, entrada em tecnologia e liderança de mercados: o caso brasileiro. In: RAMOS ET AL. **Agropecuária e Agroindústria no Brasil: ajuste, situação atual e perspectivas.** Campinas: ABRA, 1992. P.69-105.

LOPES, M.R. & JANK,M.S. A abertura comercial mostra os equívocos da política do leite no Brasil. **Agroanalysis**, Rio de Janeiro, v.16, n.1, p.15-19, jan.1995.

MARTINS, Olímpio Beleza. **L' organization de l'economique laitier dans l'espace du sue est brésilien.** Tese de Doutorado; Universite de Paris 1, Paris, 1978.

MONBEIG, Pierre. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo.** São Paulo: HUCITEC/POLIS,1984.

NEGRI, João Alberto. Lácteos. In: GASQUES, J.G. **Competitividade de grãos e de cadeias selecionadas do agribusiness.** Brasília: IPEA, 1998, p.143-159.

NOGUEIRA NETTO, Vicente da Silva. Pecuária leiteira: a ameaça das importações subsidiadas. **Agroanalysis**, Rio de Janeiro, v.16, n.7, p.7-9, jul.1996.

OLIVEIRA, Ariovaldo U. Agricultura e a indústria no Brasil. In. Boletim Paulista de Geografia, nº 58, Set. 1981.

PINAZZA, A.P. & ALIMANDRO A. Novos Tempos. **Agroanalysis**, Rio de Janeiro, v. 18, n.6, p.10-17,jun. 1998.

REIS, R.P. et al. O mercado de leite: Política de intervenção e estrutura produtiva. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, Brasília, v. 31, n.3, p.215-28, jul./set/ 1993.

RUBEZ, Jorge. Entrevista concedida à Revista Agroanalysis. **Agroanalysis**, Rio de Janeiro, v. 18, n.6, p.3-6, jun. 1998.

BORJ, Bernardo. **Estado e Classes Sociais na Agricultura Brasileira.** Guanabara, Rio de Janeiro, 1986.

BTEVANATO, Adriana Salas. Pré Projeto de mestrado que vem sendo desenvolvido no curso de Pós-Graduação em Geografia na FCT-Unesp, Presidente Prudente, 2000.